

[Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
II - 324, 1, 17]

[página de rosto]

REINO DA ESTUPIDEZ, POEMA¹

[autógrafo:] *Joze de Freitas Teixeira Spinola C.*

Coimbra, 1821

Hambourg

1820

¹ Transcrição feita por Luiz Carlos Villalta, aos quatro dias do mês de agosto de 1997.

[S/N]

PROLOGO

Vai oh Poema, não digo discorrer, pelo universo, porque sei que estás escripto em Portuguez, mas ao menos corre as mãos de todos esses que compõem a Universidade. Eu te vaticino desde já huma desgraçada sorte: serás praguejado, e por muito reduzido a cinzas, que irão até lançar-te no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses algum haverá, ainda que poucos, que folguem de vêr a verdade com os seus proprios vestidos: não recei-

vj

es penetrar os mesmos claustros: ahi he que te prognostico os maiores despezos: soffre com paciencia, que o teu fim he só de fazer vêr a verdade: affirma pois a esses homens, que o teu Author venera os santos Instituidores; que só desejára, que aquelles que se prezão de ser seus filhos, fossem vivas copias suas, porque então não chegarião a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige, he vêr, que os que por voto devem ser pobres, humildes, e castos, são os mais regalados, soberbos, e libidinosos, a quem custa muito cumprir os votos que fazem. Pergunta-lhes, como será possivel ver

vij

de sangue frio a hum Monge, a hum pobre de Jesus Christo, robusto, gordo, e capaz de vender saude, ás costas de dois pobres homens pela Couraça dos Apostolos acima até ao Pateo das Artes? Dize-lhes, que bem sabes, que este he o Mestre de Hebraico o Sr. D. João de Tal.

Irás ter ás mãos de muitos, que te censurem de pouco verdadeiro, porque hoje a Universidade está em seu auge, e esplendor: dir-te-hão, que para dizer tanto he preciso, ou não ter noticia da reforma, ou se maldizente por officio: a estes taes pede a resolução do seguinte problema.

Achava-se hum homem nas trevas

vij

sepultado no mais profundo somno, rodeavão-no por todos os lados mil perigos, e despenhadeiros; compadecido outro do miseravel estado em que se achava aquelle desgraçado, foi despertá-lo para o pôr ofra dos perigos que o cercavão: tinha já o bemfeitor dado alguns passos, mas de repente lhe falta a vista, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado sem guia, caminhando de precipicio em precipicio. Pergunta-lhes pois, quando era mais desgraçado este homem, se no tempo em que estava engolfado no seu lethargo, se quando se via acordado, só, e nas trevas? Não te canses em fazer-lhes a applicação,

ix

que he manifesta; dize sómente, que o fructo, que daqui levão os Legistas, he a pedantaria, a vaidade, a indisposição de jámais saberem: enfarinhados unicamente em quatro petas de Direito Romano, não sabem nem o Direito Patrio, nem o Publico, nem o das Gentes, nem Politica, nem Commercio, finalmente, nada util. Que os Canonistas sahem daqui com o cerebro entumecido com tanto Direito de Graciano, sem critica, sem methodo, engolindo, como alguns verdadeiros, immensos Cannones apocryphos, dando ao Papa a torto e a direito poderes, que lhe não competem por titulo nenhum

x

e desbulhando os Reis dos que por Direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais, e accrescenta só, que he melhor morar em huma casa vazia, do que em huma cheia de trastes velhos, desconcertados, onde reina a desordem, a confusão, e a immundicia. Deves porêem confessar, que a Reforma trouxe á Universidade as Sciencias naturaes, que na verdade tiverão, e tem ainda alguns Mestres dignos de tal nome, mas que estes ficão submergidos pela materialidade dos Companheiros, que fazem a maior porção, que para os distinguir he preciso ter vista bem pers-

xj

picaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez! Adverte em fim, que não reparem em não fazeres menção dos Senhores Theologos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos*: S. Matheus Cap. I, e invertendo: *ex illis cognoscetis fructus eorum*. O Ceo te leve a mãos, que te não dêm logo tyrano garrote antes de seres lido por algum que te propague. *Si Musa vetat, facit indignatio versus*.

REINO DA ESTUPIDEZ

POEMA

CANTO I.

Não canto aquelle Heróe pio, e valente
 Que depois de ter visto a cara Patria
 A cinzas reduzida, e campo vasto,
 Mil p'rigos contrastando hum clima busca,
 Aonde com os seus ditosos seja.
 A molle Estupidez cantar pertendo,
 Que distante da Europa desterrada
 Na Lusitania vem fundar seu Reino.
 Dicta-me, oh Musa, que eu não posso tanto,
 Os nobres feitos, e diversos casos,
 Que a esta grande empreza acompanhárão.

(2)

Hum feio monstro de cruel figura,
 Desgrenhados cabellos, olhos vesgos,
 Disforme ventre, circular semblante
 Da lugubre caverna, aonde jazia,
 Bocejando sahio, e longo tempo
 Nas vizinhas montanhas reparando,
 Estes vozes soltou de magoa cheia:
 “He possivel, que sendo venerada
 “Em outro tempo pela Europa toda,
 “Hoje aqui viva sem dominio, ou mando
 “Nestas brenhas incultas desterrada?
 “He possivel, qu’a Deosa, que usurpára
 “De Sabia o nome, e ser de Jove filha,
 Dos meus vastos dominios m’expellisse,
 E haja sobre o meu, posto o seu throno!
 Esta inação quero deixar hum dia.
 Não ha de ser assim; essa tyranna

Ha de ver huma vez, o quanto posso.
 A fria Estupidez accesa em ira,
 Tanto jámais se vio; ao Reino escuro,

(3)

Aonde mora a macilenta Inveja,
 Co'a furiosa, e vingadora Raiva,
 Quanto lhe soffre a natural inercia,
 Ligeiramente marcha. "Oh fortes Deosas,
 "Soluçando lhes diz, se tantas vezes
 Em taes emprezas já me socorrestes,
 Não podereis deixar tambem agora
 De dar-me a mão em tão afflicto caso.
 A soberba Minerva injustamente
 Depois de meus dominios ter roubado,
 Domínios que na Europa tanto prézo,
 Por cumulo de mal, em feias selvas
 De ninguem habitadas, me desterra'"
 O fero coração das negras furias,
 Por ser causa commum, enternecerão
 Da molle Estupidez as brandas queixas:
 "Deixai, amiga Irman, sómente dizem;
 "Vinde tambem comnosco, e vingaremos
 "Essa injustiça, que te faz Minerva."
 Em si não se finado, tambem chamão

(4)

O duro Fanatismo, a Hypocrisia,
 Etu [sic] Superstição, que tanto podes

Nas credulas Nações, não os deixaste.
Em forte batalhão todas armadas
Os Elementos turbão: negra nuvem
De mil coriscos preenhe se encaminha
A'parte, donde sopra o frio Noto.
A raivosa cohorte alli se encobre,
Subtis estratagemas alli traça
Já França se lhes mostra, e destramente
Tomando cada qual sua figura
Para o combate espreitão util meio.
Então o Fanatismo, que tomára
Hum ar sizudo, e marcha compassada,
Vendo reinar sómente a Humanidade,
De tristeza, e rancor se despedaça;
Suas maximas duras assoalha
Já entre o Povo, ou entre a sabia gente
Em vão he trabalhar (com riso, e mofa
A porção mais sizuda lhe responde)

(5)

Mas o povo huma vez entre apupadas
Pelas ruas o corre duramente,
Qual o cão, que damnado se presume.
Da vil Superstição, da Hypocrisia
Mais effeito os trabalhos não produzem;
Reinão a seu pezar a singelleza,
Nos costumes, candura, e san verdade.
Minerva, que o ardil não desconhece,
Noas animos infunde novas luzes;
Luzes, que dissipando a fusca nevoa

Com que a recta razão manchada fica,
 Com proprias cores a verdade pinta.
 Da Gallica nação ligeira, e douta,
 Mil pragas vomitando, fogem todas.
 Iradas ainda mais ligeiras buscão
 A Britannica gente: ataques novos
 Em concelho ali põem, ferve de novo
 Nos bravos corações rancor funesto;
 Fulminão tudo, a toda a parte correm.
 Mas qu'importa, se a ti, profundo Povo,

(6)

Brilhantes apparencias nunca illudem;
 Se por entre a verdade, e falso buscas
 Manifesta divisa, e só descansas,
 Quanto das cousas tens a san medulla!
 Desesperão d'alli as Furias logo;
 Voão, não fogem, desta gente clara
 A que intratavel, e ferina chamão.
 Vão discorrendo pelo frio Norte,
 Aqui, alli, novos combates dando.
 A Deosa tutellar vendo com susto,
 Que alguns dos seus a vacillar começão,
 Que se deixão levar dos vis enganos,
 Convoca em continente hum gran congresso
 Daqueles que sustentão fortemente
 O seu brilhante, e majestoso throno.
 “Alumnos meus, mas não, não disse tudo,
 (A fallar principia desta sorte)
 “Amados filhos, que da infancia tenho

“A meus peitos nutrido, e com desvelo,
A vós, a vossos pais tenho livrado

(7)

“Da vil escravidão, em que os tivera
“A frouxa Estupidez, já n’outro tempo,
“Sabereis qu’este monstro bafejado
“De muitas Furias, que tomar lhe jurão
“Seus antigos dominios, disfarçado
“Armando laços, entre vós passeia:
“Ao vosso lado noite e dia vélo
“Mas de modo tem sido os seus encontros,
“Que entre vós sinto alguns já titubantes;
“Que magoa a minha que pezar não fôra,
“Se em triste captiveiro ainda vos visse,
“Comigo ingratos, para vós tyrannos!
“Ao Leão rugidor, qu’em torno gyra,
“Constantes resisti. As almas fortes
“Com phantasticas fórmãs não sossobráo.
“Qual destro Capitão, que descortina
“Ardilosas ciladas do Inimigo,
“Na vossa frente peleijando marchó:
“Victoria conseguiu já delle a França,
“Outro tanto tem feito a gente Ingleza.”

(8)

Com estas vozes tal esforço inspira
Nos vacilantes peitos, que ligados
Hum corpo fazem, como nunca, firme.

De novo as Furias seus ardis empenhão,
 Multiplicação combates, dobrão forças;
 Mas a sabia cohorte a peito aberto
 Sem p' rigo alcança a vencedora palma.
 Qual annos o carvalho, cujos ramos
 Tanto procurão as cinzentas nuvens.
 Quanto as raizes vão minando a terra,
 Despreza immovel a sobeja furia
 Dos ventos zunidores, que o combatem:
 Vendo sem fructo o seu trabalho as Furias,
 A certo aceno se congregão todas
 Em occulto lugar, aonde só morão
 As negras sombras da tristonha noite:
 A Raiva então, de cujos vesgos olhos
 Scintilla o odio, e a cruel vingança,
 Assim ás outras falla em tom irado:
 “Será possível, qu’hum poder tão forte.

(9)

“Qual he o vosso, e qual o meu conheço,
 “Em nada pare? que nenhum effeito
 “Haja destas fadigas restulado?”
 Ao lado chora, sem dizer palavra,
 Afflicta a Estupidez, e largo espaço
 Aguda magoa põe na lingua freio.
 Senão quando, depoisde feita a venia,
 D’este modo começa o Fanatismo:
 “A vosso, e meu pezar já tendes visto
 “Que suamos em vão; Minerva impera
 “Nos duros peitos desta gente infame:

“Deixemos pois estes gelados climas,
 “Bem digna habitação de taes cabeças
 “Daqui fujaamos para o Meio dia,
 “Pais de toda a Europa o mais ditoso:
 “Aqui mais resistencia não teremos;
 “O Povo habitador d’este terreno
 “A pezar dos passados contratempos
 “A meu mando viveo sempre sujeito.
 “Não chores, cara Irman; o teu Imperio,

(10)

“Segundo creio, lá veras fundado.
 “Fugir, fugir desta inimiga terra.”
 Todas a huma voz promptas concordão;
 Da fria região logo desertão,
 E sobre as azas dos ligeiros ventos
 As amenas Hespanhas vão buscando.

(11)

CANTO II

Era alta noite, o enregelado Inverno
 Já começava a sacodir as azas,
 Que ao sereno gotteção frio orvalho;
 Dormia tudo, e só nas ermas ruas
 Errantes cães ladrando se encontravão:
 Foi então que a Lisboa rica, e vasta
 Em segredo baixou o bando infame.

Se á soberba Madrid primeiro irião,
 Hesitarão, em quanto o Fanatismo
 Não decidira, que no Luso Reino,
 Como mais certo, começar devião.
 Por accordo commum assentão todas
 Que aos publicos lugares com disfarce
 Ir sem demora devem, p'ra que espreitem.

(12)

Que diz o Vulgo, que censura o sabio.
 Huns, que murmurão no actual governo,
 Que louvãõ outros: esta sorte podem
 Cahir melhor, no que fazer se deve.
 Dispersas pelas Praças vão notando
 As practicas diveras, a que assistem,
 Não só ouvindo, mas tambem seu voto,
 Como a bem lhe fazia, declarando.
 Não deixão sem visita parte alguma;
 De fórmãs differentes se revestem
 Já d'homem, de mulher, de moço, ou velho,
 De casquilho, de frade, ou de jarretta,
 Segundo julgãõ, que requer o caso.
 Nesta pesquisa muitos dias andãõ.
 Até que chega o desejado instante,
 Em que haviãõ proposto, se ajuntassem,
 Para em pleno concelho darem conta,
 Do que ouvirãõ dizer, do que fizerãõ.
 Em occulto lugar, que não perturbãõ,
 Nem o tropel dos anafados machos,

(13)

Nem das velozes rodas o ruído,
 E nem do Povo o barulhado trato,
 Lugar, que fica além do claro Tejo,
 As vagas sentinellas se congregão.
 Duvidão entre si qual dellas ha de
 Dar primeiro razão, do que passára:
 Da sua parte cada qual recusa;
 Mas nisto a Raiva impaciente falla.
 “Não noteis companheiras, que eu primeiro
 “Tome mão da palavra, serei breve.
 “Nem deve para nós haver cer’monia.
 “Por mil sitios andei, andei de noite,
 “Assisti huma vez a hum caso grande;
 “Era um Cadette de figura esbelta
 “Que dizião ser filho de tal Conde,
 “Vestido muito bem de ponto em branco;
 “Huma espada tremenda tinha á cinta,
 “Toda de prata sem senão lavrada:
 “Para mais casquilhar como soldado,
 “Nem da guerra sabia a menor cousa

(14)

“Porêm de namorar todos os modos
 “Manejava melhor que o seu florette,
 “Em que muitos progressos tinha feito:
 “Na assemblea passava as noites todas,
 “E nella com respeito era escutado.
 “Assentava com sigio, que nos olhos

“Trazer devia as settas de Cupido,
 “Pois para requestar qualquer senhora,
 “Não precisava mais, que pôr-lhe a vista.
 “Encontra-se por acaso hum velho grave
 “Com a sua familia passeando;
 “A huma filha pelo braço tinha,
 “Por bella conhecida, e que trazia,
 “Havia tempo ao tal Cadette louco.
 “Apenas a conhece, em torno gira,
 “Hum ditto solta, e outro disfarçado:
 “Na filha, inquietação o velho nota;
 “No mancebo repara, e em seus gracejos;
 “Diz-lhe, que o deixe, que não seja tollo;
 “Que a não serem os annos se vingára.

(15)

“Do comprido florette tira logo
 “O bravo militar enamorado.
 “Quer defender-se o vacilante velho,
 “A dois passos porêm ferido cahe.
 “Acode immensa gente, mas fogoso
 “Destroça tudo, e impaciente leva
 “Entre o tumulto a aturdida moça.
 “No fundo do seu peito o velho geme,
 “Ao Ministro se queixa magoado:
 “Este ao Fidalgo busca, e de bom modo
 “Propõe-lhe, que ao Pai levar a filha.
 “Qual sibillante cobra, cuja cauda
 “Pizou o incauto, e frouxo caminhante;
 “Assim no militar se accende a ira,

“Decompõe o Ministro, e se não foge,
 “Não voltaria, como foi, inteiro.
 “Pelo successo espera o Pai afflicto,
 “Em resposta o Ministro só lhe torna
 “Amigo, são Fidalgos, tenho feito,
 Da minha parte o que fazer podia:

(16)

“Para os pequenos só as leis tem força.
 “Folguei de ver esta ousadia, e fogo,
 “Que nas outras Nações jámais notára.
 “Vi de noite roubar, tambem de dia;
 “Huma forte quadrilha de marujos
 “He quem faz por alli maior fachina:
 “Nada medo lhe põe, zombão da ronda,
 “Que de vis sapateiros he composta,
 “E de outros taes, que dormitando levão,
 “Por espadas, espetos ferrugentos.
 “Isto vi, companheiras, e mil casos,
 “Que não refiro, por não ser extensa.”
 Logo a Superstição em pé se põe;
 Mas fazendo primeiro mil monices,
 O chão prostrada por tres vezes beija
 Outras tantas rosnando certas cousas,
 Faz sobre coração quinhentas cruces.
 Debaixo da camisa tambem tira
 Huma grande almofada, que constava
 De muitas orações, muitas reliquias,

(17)

Já contra mal feitiços, contra a peste,
E muitas contra a tentação da carne.
Beija, e rebeija venerando Breve,
E com os olhos para o ceo erguidos,
Com o mesmo se benze immensas vezes.
Déste modo disposta principia
A dar conta fiel do que passára:
“Tão outro Portugal agora vejo,
“Que o mesmo não parece; quem diria
“Que estas pobres mulheres perseguidas
“Do Dragão Infernal, em pouco tempo,
“Havião de encontrar pelos conventos
“Prompto socorro a seus crueis tormentos?
“Mal haja esse Judeo, esse tyranno,
“O Paulo de Carvalho, homem ferino,
“Que ás tristes prohibio este remedio.
“Já não he, Camaradas, como d’antes.
“Fui aos Frades Capuchos quarte feira:
“Que cousas lá não vi edificantes?
“Na Portaria estavam certamente
“Para cima de cem, ou mais mulheres,
“Humas me convulsões, outras zurrando;
“Cousa má na verdade parecião!
“Appareceo depois hum frade idoso,
“Vinha de Estolla armado, e pela cara
Todos dizião que já era hum santo.
“Não era d’estes frades, que caprichão
“Em trazer os sapatos de camurça
“Muito amarella, e o calcanhar brunido,
“Que o cabelo penteião, que arregação

“O escovado burel quando passeião.
 “Este não era assim; de muito estudo
 “Via pouco, seus oculos traiza,
 “E cuidava nos habitos tão pouco,
 “Que no peito trazia de simonte
 “Mui boa quarta, se não fosse arratel.
 “Apenas se avistou, humas entrárão
 “A fazer-se me pedaços, outras davão
 “Horrendos uivos, como cães famintos.
 “He dor do coração ver tal martyrio!

(19)

“Suspenso estive o Frade muito tempo,
 “Para todas olhando, e de repente
 “Em profundo silencio ficou tudo.
 “N’hum livro entrou a ler, primeiro baixo,
 “Mas depois carregando as sobrançelhas
 “C’huma voz de trovão, e irado lia.
 “Aqui he que foi pena... De improviso
 “Todas quebrárão o silencio a hum tempo;
 Taes urros, taes bramidos atroárão
 “O Claustro todo, que ainda hoje tenho
 “De susto o coração como abafado.
 “O frade cada vez mais lhes gritava
 “Batendo com o pé, que se calassem.
 “A muito custo accomodou a bulha;
 “Suspiravão sómente enternecidas,
 “Como quem de hum combate se liváraa.
 “O Exorcista já lia em voz mansa
 “E benzendo-as tres vezes, só lhes disse,

“Que se fossem na paz de Jesus Christo.

“Humas a par das outras em fileira

(20)

“Pondo em terra o joelho a manga beijão,

“E com grande mesura, se despedem.

“Não pára aqui sómente a caridade

“Do bom Religioso: de outro lado

“Afflictas Mães c’os filhos entre os braços

“Ante os pés do Exorcista os apresentão.

“Humas lhe dizem que crueis lombrigas

“As pobres criacinhas martyrizão,

“Outras lhe pintão os horríveis damnos

“Que aquelles innocentes recebem

“De hum sua vizinha geralmente

“Por bruxa, e feiticeira reputada:

“Promptamente os benzeo, e com brandura

“Huma practica breve foi fazendo,

“Que tivessem fé viva; em fim lhes disse,

“Que do seu santo Padre se lembrassem.

“Desta longa fadiga descansava

“Já no seu aposento o bom fradinho,

“Quando o Porteiro a toda a pressa o chama.

“Huns poucos Gallegos carregados

(21)

“De prezuntos, peruns, e de bom vinho

“Pelo Padre Exorcista perguntavão.

“A sua caridade isto lhe rende,

“E ser entre os seus Padres respeitado
 “Lisboa já não hé, torno a dizer-vos,
 “A mesma, que ha dez annos se mostrava:
 “He tudo devoção, tudo são terços
 “Romarias, novenas, vias-sacras.
 “Aqui he a nossa terra, aqui veremos
 “A nossa cara Irman cobrar seu Reino”.
 A fina Hypocrisia he quem se segue.
 C’os olhos baixos, macilento rosto,
 Longos vestidos de côr parda, e negra
 A fazer sua venia se levanta.
 Depois, em voz submissa assim começa:
 “A cidade corri, e tive o gosto
 “De ver por quasi todos praticadas
 “As maximas subtis, que lhe prégava.
 “No publico passeio, onde concorre
 “A mais luzida gente desta Côrte

(22)

“Huma tarde me achei, e perto estavam
 “Quatro sujeitos de figura seria,
 “Em quanto alli se via reparando.
 “Dizia hum delles: Vejão bem amigos
 “Os oucos [sic] cascos d’estes dois mancebos;
 “Em lugar de topétes concertados
 “Medonhas conchas de revelhos cágados,
 “Da injuria do tempo lhes deffendem
 “As vaidosas cabeças: os vestidos,
 “Se não tem as feições já nos sovacos,
 “São vestidos de ginja, e de jarretta.

“No embigo o espadim atravessado;
 “Por calções, hollandezas calças trazem.
 “Gemem os pobres pés dentro das tallas
 “Dos lustrosos sapatos, carregados
 “Do peso enórme das luzentes placas:
 “Casquilhar á Malteza a isto chamão.
 “Muitos dias não há, que a moda chefe
 “Era o contrario do que vemos hoje.
 “O ter de Portuguez o nome indigino,

(23)

“He a pena maior, que me atormenta.
 “Nomear Portuguez a qualquer homem,
 “He fazer-lhe a maior descompustura,
 “Que pode proferira aguda lingua
 “D’huma vil regateira enfurecida.
 “He chamar-lhe sem duvida macaco,
 “Sómente imitador de vãos caprichos
 “Das estranhas Nações, não das virtudes.
 “Sem rebuço, he chamar-lhe hum ignorante,
 “Hum confirmado tolo, que não sabe
 “Nem artes, nem sciencias, nem commercio.
 “Miseravel Nação! Que fielmente
 “Os thesouros franqueia aos Estrangeiros
 “Por chitas, por fivellas, por volantes,
 “E por outras imensas ninharias . —
 “Nisto estava inflammado o homem, quando
 “O filh lhe cortou aos seus discursos
 “O estrondo, que fazião nas calçadas
 “As fumegantes rodas de um carrinho.

“Quatro asseados, e membrudos moços

(24)

“Pomptos saltando a vermelha taboa

“Ajudão a descer hum gordo Bispo,

“Que na Côrte se achava com licença.

“Vinha todo de seda, e do pescoço

“Huma cruz lhe pendia cravejada

“De lucidas saphiras; de brilhantes

“O majestoso anel cegava os olhos,

“E pouco menos as fivellas de oiro.

“O austero censor ficou pasmado

“A mirar o Prelado passeando.

“Depois, com vozes de azedume cheias,

“Para os outros se volta, assim dizendo

— “Oh costumes, oh tempos primitivos!

“Tempos, em que o Pastor só differia

“Do seu rebanho pelas sans virtudes,

“Pela vida exemplar, com que o guiava!

“Quem o santo Evangelho lê attento,

“Do supremo Pastor quem lê a vida,

“A presença de hum Bispo *Petimètre*

“Como pode levar á paciencia?

(25)

“Se o venerando Apostolo das gentes

“Aqui apparecesse, poderia

“Por companheiro ter hum homem d’estes?

“O grande Paulo, que o enrugado rosto

“Todos os dias de suor banhava,
 “E para não servir jámais de peso
 “A seus caros Irmãos, antes queria
 “Ganhar escasso pão com seu trabalho.
 “Santa Religião, tempos ditosos!
 “Ou tu não es a mesma, ou teus Ministros
 “De Pastores o nome não merecem. —
 “Nesta practica sempre os quatro amigos
 “Se forão com a noite retirando.
 “Não fiquei do discurso satisfeita.
 “A horas, em que o Bispo já dormia,
 “Medonha e enormíssima figura
 “Tomei, e como setta depedida
 “A seu ricco aposento fui direita.
 “Estirado em colchões de branda pluma
 “Em profundo silencio repousava:

(26)

“Mil divertidos, e agradaveis sonhos
 “Ao redor do semblante revoavão:
 “Hum a bella assemblea das senhoras,
 “Ourtos o Wisth, o bom café pintando.
 “De pressa os fiz fugir, e promptamente
 “Seu lugar occupando, este discurso
 “Em breve lhe intimei em voz horrivel:
 “— He possivel, que durmas descansado,
 Sem te lembrares do que diz o Pvo,
 “Do teu modo de vida, do teu fausto?
 “Não digo que pratiques fielmente
 “As maximas austeras do Evangelho:

“Para teres de santo o nome honroso,
 “Não precisas de tanta austeridade.
 “Embora te regales, te divirtas.
 “Ainda mais se he possível, do que d’antes,
 “Mas nisto deve haver certa medida.
 “Sê embora hum velhaco, hum libertino,
 “Hum lobo tragador do teu rebanho;
 “Mas devem outras ser as apparencias;

(27)

“De outro modo, serás mal reputado,
 [buraco] muita duração os teus prazeres
 [buraco]ão podem ter se não mudares logo. —
 “Do brando leito espavorido salta;
 “Na visão accredita, e volta prestes
 “Em menos de oito dias ao Bispado.
 “Em modesta liteira então passeia;
 “Aos pobres manda dar todos os dias
 “Seu caldo por jantar, e ás terças feiras
 “Dez réis a cada hum, sendo aleijado.“
 Dizendo que occultava muitas cousas,
 Acabou de fallar a Hypocrisia.
 Tão somente restava o Fanatismo,
 Que tinha sobre todos ascendente,
 E daquella palestra a Presidencia.
 “A vossa exposição (assim começa)
 “Com prazer escutei; tudo promette
 “Hum exito feliz á nossa empreza.
 “Aquelle furioso, e ardente zelo,
 “Que em París fez correr rios de sangue

(28)

“Na celebrada noite dos Francezes,
 “Aquelle matador, e fero genio
 “Que os duros Castelhanos animava
 “A regar d’Indiano sangue hum dia
 “O Mexixo, e Perú, entre este Povo
 “Agora mesmo eu incitar podia.
 “Hum Inglez, hum Genticio, hum Mahometano,
 “Se as leis civis o não vedassem tanto,
 “Com a mesma presteza assassinados
 “Aqui serião, como a hum cão se mata;
 “Pois por alma de cão qualquer he tido,
 “Que a Santa fé de Roma não professa.
 “Agora pois só restga qu’assentemos,
 “Se deve ser aqui, ou em Coimbra,
 “A nossa cara Irman enthroinsada.
 “Nesta Côrte, annos ha, se tem fundado,
 “Huma cousa chamada Academia:
 “Mas isto quanto a mim sem differença
 “He hum corpo sem alma, que não pode
 “Produzir acção propria, ou hum phantasma

(29)

“Que em bem pouco minutos se dissipa.
 “O meu voto he que vamos demandando
 “O mesmo assento, donde foi lançada
 “A mansa Estupidez injustamente.
 “Cobrar novos esforços he preciso;

“Que por fim a victoria está segura.”
 Todas em huma voz nisto concordão.
 Entre tanto saltava de contente
 A molle Estupidez, com taes risadas,
 Que nos montes vizinhos retumbavão.

(30)

CANTO III

Do fertil Portugal quasi no centro
 A vistosa Coimbra está fundada;
 Pelo cume soberbo de alto monte,
 E pelas fraldas, que o Poente avistão,
 Vai-se ao longo estendendo, até que chega
 A beber do Mondego as mansas aguas.
 Defronte outra montanha senhoreia
 A liquida corrente dividida
 De longa Ponte pelos grossos arcos
 Aprazives campinas, ferteis vales
 Do crystallino Rio retalhados,
 Em tôrno a cercão, aos habitantes dando
 Os mais bellos passeios do Universo
 Da fronteira montanha, que dominão

(31)

Dois famosos conventos, se disfruta,
 [buraco] linda perspectiva da Cidade,

[buraco]e tem tanto de bella, quanto he dentro
 Immuna, irregular, e mal calçada.
 A terra he pobre, he falta de commercio,
 O Povo habitador he gente infame,
 Avarente, sem fé, sem probidade,
 Inimiga cruel dos Estudantes,
 Mas amiga das suas pobres bolsas.
 Aqui de muito tempo está fundada
 A nobre Academia Lusitana.
 O monstro, que he dotado de sem olhos,
 Que ao longe avista os mais pequenos vultos
 Que de baixo do tecto o mais forrado,
 Nada se passa sem lhe ser notorio;
 O monstro, que por outras tantas boccas,
 Quanto sabe, e não sabe, põe patente,
 Aqui em altas vozes apregoa,
 Que vem a Estupidez em breve tempo
 Seus dominios cobrar, seu Diadema,

(32)

Armada de terrivel companhia.
 Na minha phantasia accende, oh Musa,
 Hum fogo vivo; põe na minha lingua
 Expressivas palavras com que pinte
 As proezas, que vou dizer agora.
 A Academica gente alvoroçada
 Não pensa, não conversa n'outra coisa;
 Em quasi todos geralmente reina
 Excessiva alegria, e nos conventos,
 De que consta a Cidade em grande parte,

Mandão os Guardiães, que os refeitórios
 De mais vinho, e prezunto se reenchão.
 Da Universidade o grande Chefe
 Hum Claustro universal convoca logao
 Para que em pleno concelho votem todos,
 O que deve fazer-se neste caso.
 Em comprido salão, cujas paredes
 Riccamente composta tem em ordem
 Dos Lusitanos Reis proprios retratos,
 Em soberba Cadeira se apresenta

(33)

O Reitor, e por hum, e outro lado
 Os Lentes, e Doutores assentados,
 [buraco]gundo o vão capricho o destinára,
 A dar o seu par'cer s'apromptão todos
 Tira nisto o barrete o Presidente,
 E ao Lente Primaz de Theologia
 Acena, que comece; logo feita
 Ao congresso em geral submissa venia,
 O seu voto profere nestes termos:
 “Muitos Illustres, e sabios Academicos;
 “Por direito Divino, e por Humano,
 “Creio, que deve ser restituída
 “A’ grande Estupidez a dignidade
 “Que nesta Academia gozou sempre.
 “Bem sabeis, quão sagrados os direitos
 “Da antiguidade são: por elles somos
 “Ao lugar, que occupamos, elevados.
 “Occulta vos não he a violencia,

Com que foi desta posse desbulhada.
Vós testemunhas sois dos sentimentos

(34)

“Com que a vimos partir tão deprezada:
“Porêm sempre, a pezar do seu desterro,
Constante tributei dentro em meu peito
“Homenagens devidas, á que fôra
“Na minha infancia carinhosa Mestra,
“E na velhice singular Patrona.
“Entraí pois, companheiros, em vós mesmos,
“Ponderai sem paixão, para que serve
“As pestanas queimar sobre os Autores,
“A estimavel saude arruinando?
“P’ra levar este tempo em bom socego,
“Divertir, e passar alegremente
“Acaso precisaes de mais sciencia?
“Se os dias desta breve, e curta vida
“Tivessemos c’os livros perturbado,
“Teriamos acaso mais prebendas,
“Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
“De que podem servir estes estudos
“Que mais da moda se cultivão hoje?
“A barb’ra geometria tão gabada,

(35)

“Que mil proposições todas hereticas
“Aqui faz ensinar publicamente,
“Sabeis para que presta neste mundo?

“Diga-o a Inquisição, e mais não digo.
 “Oh gothicos estudos nunca ouvidos,
 “Nos tempos, em que tanto florescia
 “Hum Ceara, maior do que o seu nome,
 “Hum Pupillo, hum Fr. Paulo de são Mauro,
 “Que sempre chorarão os Frades Bentos!
 “Historias Naturaes, Phoronomias,
 “Chymicas, Anatomias, e outros nomes,
 “Difficeis de reter, são as sciencias,
 “Que vierão trazer os Estrangeiros.
 “Ha cousa mais cruel, mais deshumana
 “Mais contraria á razão, que ver os Medicos
 “Hum cadaver humano espatifando,
 “Hum corpo, que habitou o Esp’rito sancto?
 “Nunca tal praticastes, oh bom Lopes,
 “Quando pelo Natal em hum carneiro
 “O bofe, o coração, as tripas todas

(36)

“A teus habeis discipulos mostravas.
 “Quem pode sem desprezo ver hum Lente,
 “De immensos Estudantes rodeado
 “Pelos campos vagar, alli colhendo,
 “Huma ervinha, huma flor, hum gafanhoto?
 “Acolá c’hum fuzil ferindo as pedras?
 “Deixemos pois hum dia, oh sabia gente,
 “Estes prestigios, que nos tem cegado,
 “Ponhamos como d’antes estas cousas
 “Em seu antigo ser: como bons filhos
 “Recebamos a nossa Protectora:

“O que foi sempre seu, em paz governe.”
 Qual sussurrante enxame, que em tumulto,
 Segue a vereda, que seguio a Mestra,
 Assim dos Frades todos, e dos Bécas
 Seguio a turba o explanado voto.
 Algum d’estes talvez quizesse oppor-se;
 Mas de hum Collega refutar os ditos
 Da honra do Collegio he menoscabo.
 A porção principal tinha votado,

(37)

Faltava a outra, que em desprezo he tida:
 Lentes de Capa e Espada são chamados,
 Que aos Collegios não tem algum acesso,
 Nem recolhem da Igreja os doces fructos.
 Pelo mesmo teor votarão muitos;
 Mas chegando a Tircêo (*)² homem singello
 Que seus dias consome sobre os livros
 Contemplando a profunda Natureza,
 Os longos cumprimentos põe de parte,
 E com voz resoluta assim começa:
 “Não he a gloria van de distinguir-me,
 “Quem me obriga a encontrar tantos votos,
 “Que por serem conformes talvez sejam
 “Ao parecer de muitos verdadeiros.
 “A gloria do meu Rei, o amor da Patria
 “São dois fortes motivos, que me impellem
 “A dizer francamente quanto penso.
 “Trazei, sabios illutres, á memoria

² (*) [nota do próprio livro:] Jozé Monteiro da Rocha, Lente de Prima em Mathematica.

“Aquelle tempo em que contentes visteis
 “Entrar nesta Cidade triumphante
 “O grande, invicto, o immortal Carvalho,
 “As vezes de seu Rei representando,
 “Daquelle sabio Rei, cujo retrato
 “Inda agora me anima, e me dá forças,
 “Para que em seu favor, em sua gloria
 “Derramando o meu sangue exhale a vida.
 “Visteis ao gran Marquez, qual sol brilhante
 “De escrua noite dissipando as trevas,
 “A frouxa Estupidez lançar ao longe,
 “E erigir á Sciencia novo throno
 “Em sabios estatutos estribado.
 “Das vossas mesmas bocas retumbárão
 “Canticos de louvor nestas paredes.
 “O triumpho cantasteis na presença
 “Do zeloso Ministro respeitado.
 “Que diff’rente linguagem hoje escuto?
 “Como he possíve, que sem pejo, ou honra,

(39)

“O contrario digaes do que dissesteis?
 “As sublimes sciencias da Natura
 “Como podeis tratar com tal desprezo?
 “Oh tu, sombra immortal, oh gram Ministro,
 “Da face do teu Deos, onde repousas
 (A cabeça abanou, deo tres cuadas
 Ouvindo esta blasphemia o bom Butoque)
 “Vem hum instante apparecer agora
 “Aqui nesta assembllea, e destas boccas,

“Que em teu nome entoavão tantos hymnos
 “Ao heroico triumpho das sciencias,
 “Blasphemias ouvirás... Mas ah! não venhas;
 “Nem permittão os ceos que tantos saibas.
 “Que dor a tua, que afflicção não fôra
 “Ver sem fructo as vigalias, os trabalhos,
 “Que por zelo da Patria padeceste!
 “Ver, sobre tudo, ingratos, e falsarios,
 “Que affectando apparencias d’alegria,
 “No fundo do seu peito idolatravão
 “A mollle Estupidez, com huma Deosa!

(40)

“Se o mesmo, que então eras, hoje fosses,
 “Quizera, oh Pai da Patria, que tivessem
 “Com a tua presença validade
 “As minhas vozes, o meu zelo ardente.
 “Ainda reinará, com magoa o digo,
 “Na nossa Academia esse [sic] tyranna
 “Essa van Divindade; mas protesto,
 “Que nem hoje o approvo, e que inimigo
 “Ha-de em mim encontrar, em quanto o sangue
 “Seu circulo fizer neste meu corpo.
 “Se algum de vós, Illustres Companheiros,
 “Comigo pensa, sem temor exponha,
 “A pezar da torrente, os seus discursos.
 “As almas varonis nunca temêrão,
 “Ainda á vista dos maiores p’rigos,
 “Pela gloria da Patria, e da verdade
 “Expor a vida, derramar seus sangue...”

Ao dizer estas vozes se arrazavão
 De lagrimas seus olhos, e as palavras
 Já presas lhe ficavão na garganta.

(41)

Os homens grandes, os varões preclaros
 Também sabem chorar, quando a ternura,
 A bem da humanidade os estimula.
 Nos animos Fradescos, e nos Bécas
 Contra Tircêo hum tal rancor fervia,
 Que vivo o tragarião, se a presença
 Do serio Presidente o permitisse.
 Disfarçando porêem, com riso e mofa,
 A dissonante falla recebêrão.
 Acabou-se a função, e timorato
 Não decide o Reitor, o que se faça.
 Era já noite, e nos Collegios ambos
 Exquisitos majares esperavão
 Aos rubicundos e nutridos Bécas.
 Nos conventos porêem cousa mais grossa,
 Em que o dente attollasse, preparavão:
 Famosas postas de vitella tenra
 Sobre as brazas chiavão nos espetos;
 Peruns assados, e tremendos quartos
 De bom carneiro por mil modos feitos,

(42)

Muito vinho, e prezunto, erão as massas,
 Com que os seus Refeitórios adubavão.

Em quanto os outros com prazer comião,
 E á saude da Deosa grandes copos
 De bom vinho enchugavão; pensativo
 O timido Reitor escrupuloso
 Passeia as salas todas, té que chega
 O Patricio a saber se ainda não ceia
 Sua Excellencia, que já erão horas.
 Responde-lhe, que não, que estava afflicto,
 E os motivos lhe conta consultando-o.
 “He bom caso, senhor, vossa Excellencia,
 “Do que deve fazer inda duvida?
 “Depois de ser d’hum voto tanta gente
 “Tão sabia, tão distincta? Pouco importa,
 “O que diz meia duzia d’esses homens,
 “Que apenas são por Lentes conhecidos.
 “Coma vossa Excellencia alguma cousa,
 “Durma, que tudo em paz ha-de fazer-se.”
 Assim o consolou o bom Mórdomo.

(43)

Sua Excellencia mais quieta fica,
 Hum pouco come, e no seu brando leito
 Vai alivio buscar a seu cuidado.
 As Furias, que em Coimbra já se achavão,
 Que no Claustro geral tinhão estado,
 Do famoso orador pondo na lingua
 Palavras, que ao seu caso mais fazião,
 Ao sombrio lugar, onde descansa
 O languidio Morphêo, ligeirãs voão.
 Nunca alli penetrou a luz da Aurora;

Em perenne repouso dorme tudo.
 Sómente os frescos Zéphyros brincando
 Com suave sussurro as folhas movem:
 Murmura ao longe a crystallina fonte,
 Escabrosas pedrinhas volteando
 Sobre viçosa relva recostado,
 Entre rubras papoulas, verdes mirtos
 Nadra presente o Deos do que se passa.
 Então de pressa no soturno bosque,
 Já quasi dormittando as flores colhem

(44)

Que a molle cabeceira lhe formavão:
 Dos somniferos ares se retirão,
 E de improviso ao bello quarto chegão,
 Aonde ainda perplexo o Presidente
 Com os olhos no tecto vigiava.
 Mal das flores se espalha o grato cheiro,
 Boceja, estende os braços, adormece.
 O Fanatismo então, tomando a fôrma
 D'hum pequeno rapaz gordo e risonho,
 Junto ao leito volteja em curtos gyros,
 E com doces palavras assim falla:
 “Não te assustes oh homem venerando,
 “Eu não sou cousa má, que te appareça,
 “Tuas altas virtudes me encaminhão
 “Desta duvida van a pôr-te fóra.
 “Aos Lentos, Doutores, e Estudantes
 “Ordena, que á manham de tarde saião
 “A receber em Prestito pomposo
 “A nobre Estupidez: faze-lhe as honras,

“Que lhe são por Direito bem Devidas.”

(45)

Com mais se não cansou o Fanatismo,
 Pois sahir com a sua mão duvida;
 Nem Minerva subtil, e poderosa
 Aqui já lhe fazia a menor guerra,
 Deixou por huma vez os Portuguezes,
 Como gente rebelde e refractaria,
 Com a sua ignorancia, e prejuizos
 Docemente abraçados. Nisto acorda
 O devoto Reitor; e ainda imagina
 Que hum Divino clarão no quarto brilha.
 Da cama salta, e a toda a pressa manda
 Que venha o Secretario, e os Escreventes.
 Hum comprido edictal se lavra logo:
 Que as ordens da visão, continha todas,
 Pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
 O doucto Secretario, que em Aveiro
 Alçou já vara branca, o *subscripsi* (*)³
 Põe no fim do papel, e o Presidente
 Por extenso se assina em letra grande.

(46)

CANTO IV

APENAS o Edictalse põe na porta

³ (*) [nota do próprio livro:] O que então era Secretario da Universidade, costumava pôr *subscripsi* em vez de *subscripsi*.

Da grande salla, que p'ra os Actos serve,
 Entre o corpo, que fórma a Academia
 Hum novo reboliço, hum alvoroço
 Geralmente se move; não se fião
 Na fê dos que referem a noticia:
 Desejam com seus olhos ver a nova,
 Que tão doce alegria lhes motiva.
 Deixão os Estudantes nos bilhares
 A partida no meio; e perturbados,
 Das capas lanção mão, como succede;
 Mas o dono da casa, que o barato
 Não dá por bem parado, clama, e grita:
 “Parceirinhos, pagar; nada me importa
 “Que venha a Estupidez, ou não venha.”

(47)

Dão-lhe dois encontrões, por terra o lanção;
 E, a qual primeiro, pelas ruas correm.
 Outros no Sette-he-ponto extasiados,
 No Wisth, no Marimba, e mais na Banca,
 Os dados com as cartas deitão fóra.
 Já mais os obrigou a tanto excesso
 Nem do lugubre sino o toque infausto,
 Que os chama ás Aulas, nem tão pouco a Ama
 Com a nojenta vacca ao lume posta
 Praguejando a tardança, a quem lha causa,
 Me ainda a venal, e immunda Moça,
 Que fretada os espera a certas horas.
 Tal a cega paixão, o vil apego,
 Que ests miseros moços tem aos vicios!

Esta gente revolta, e mal criada,
 Tão soberba, e ociosa, que entre tantos,
 Apenas se achão quando muito doze,
 Que o nome de Estudantes bem mereção.
 A ler o Edictal chegã a montes;
 E batendo nas palmas: “Bravo, bravo,

(48)

“Oh que ferias agora não teremos!
 “Viva a Estupidez!” dizem saltando.
 Nos collegios, Conventos, e nas casas
 Os Doutores, os Frades, e Estudantes
 Disputão sobre o caso; e mil castellos
 Á cêrca do futuro levantando
 Melhorar de fortuna todos cuidão.
 Nestas gratas ideias se recreião,
 Até que o sino a grandes vozes brada,
 Que venhão todos, que he chegada a hora
 Em que o novo Edictal cumprir se deve.
 Promptamente concorrem, e marchando
 Ao rude som de ingratos instrumentos
 Vão a Deosa esperar alem da Ponte.
 Ainda bem ao convento Franciscano
 O Prestito não chega, eis de repente
 Huma nuvem brilhante vem ao longe,
 De luzentes estrellas esmaltada;
 No meio hum throno riccamente feito;
 A molle Estupidez sentada nelle.

(49)

Entre tanto apparato lá disfarça
 A sua horrenda, e natural figura:
 He tudo traça das astutas Fúrias.
 Mansos ventos curvados encaminhão
 A majestosa pompa: em terra postos
 Os soberbos joelhos, com as palmas
 Para o Ceo levantadas, se assombravão
 De ver baixar com tanta majestade
 A Deosa tutellar da sua Athenas.
 Brandamente ondeando a nuvem pára
 Aonde c'o Reitor os Lentes Chefes
 Com o queixo cahido presenceião
 Tão grande maravilha nunca vista.
 Tem de recato hum sumptuoso Pallio,
 Com que a Deosa recebem reverentes,
 Cousa mais espantosa: de improviso
 O caiminho, que trouxe, a nuvem segue;
 A frouxa Divindade por tres vezes
 Com alegre semblante a todos lança
 Huma benção papal, como a bons filhos.

(50)

Os donator repicão á contenda,
 As descaradas moças dos conventos
 E pelas Freguezias vis garotos;
 Ninguem se entende com tamanha bulha.
 A's janellas acode, acode ás ruas
 De toda a qualidade immenso povo
 Entretanto com passo vagaroso

Duas compridas alas se encaminhão
Ao antigo Mosteiro, que disfrutão
Os Reverendos Cruzios satisfeitos
De hospedar esta noite a Protectora
Da sua sancta casa. A' portaria
Com alegres festins he recebida.
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em função de barriga, e de badalo
Fazem os Frades consistir a Festa.
Mas o pio Reitor, que obediente
Ao milagroso sonho ser deseja,
De novo ordena, que se apromptem todos,

(51)

Que na manhan seguinte bem montados
Irião conduzir á Academia
A Regia Estupidez sua senhora.
Assinalla tambem os oradores
Que havião celebrar tão grande feito.
O valido Mordomo, que algum dia
De moxilla exerceo o nobre emprego
Toma a seu cargo o apprestar as bêstas.
Ainda descansava a roxa Aurora
Nos braços de Amphitrite, e os vis lacaios
As portas dos Doutores despedação
A fortes golpes de calhaos tremendos.
Abrem a seu pezar os frouxos olhos
Estas almas ditosas, engolfadas
Em mil suaves, e felices sonhos;

Mas não vendo luzir o Sol nas frestas
 Querem o somno agasalhar de novo.
 De balde o querem, que os valentes moços
 Cada vez as pancadas mais duplicão.
 Tal ha, que a mil Diabos encommenda

(52)

Os lacaios a quem lhos manda á porta,
 Por ver o seu descanso interrompido,
 O seu somno de doze boas horas.
 Mas em fim, o motivo he forte, e justo,
 E para apparecer á Divindade
 He preciso o cabelo bem composto,
 A batina escovada, a volta limpa;
 Cousas, em que despendem longo tempo.
 Cada qual asseado, o mais que pode,
 Vais buscar o Reitor, e em companhia
 De huma ricca Berlinda a seis tirada
 No pateo e Samsão se ajuntão todos.
 Os soberbos Capellos alli tomão;
 Brancos, Verdes, Vermelhos, Amarellos,
 Azul ferrete, ou claro; o mesmo as borlas;
 Por humildade os Frades só barrette.
 Em duas grandes alas repartidos
 Os barrigudos, e vermelhos Monges
 Acompanhão saudosos esta grata,
 E delles sempre amada Padroeira.

(53)

Reverentes a mão todos lhe beijão,
 E a todos vai lançando a santa benção.
 Chega em fim ao Prior, elle prostrado,
 “Oh Deosa (assim lhe diz) ampara, e zela,
 “A estes filhos, que te adorão tanto.
 “Por ti d’este socego he que gozamos.
 “Esta forte saude, esta alegria
 “Desfructamos por tua alta bondade.
 “Seria para nós ditosa sorte,
 “Se fizesses aqui tua morada;
 “Mas já que somos nisso desgraçados,
 “Benigno influxo sobre nós derrama,
 “Que a nossa gratidão será constante.”
 Abraça-o ternamente a Divindade;
 Diz-lhe, que se console, que ella sempre
 Nos seus olhos trazia a tão bons filhos.
 A nobre comitiva dos Doutores
 Entre os braços a toma, a qual primeiro,
 E quasi ao colo na Berlinda a mette,
 Logo montados pelas ruas tomão,

(54)

Que de mais Povo são sempre assistidas.
 Huns de encarnado vão todos cobertos,
 Altivos, soberbões comsigo assentão,
 Que não ha no universo outras figuras
 De mais contemplação, de mais respeito;
 O vermelho durante ás bêstas serve
 De compridas gualdrapas; outros picão
 O fogo cavallo, quando passão

Pela porta de tal, ou tal senhora.
 De preto muitos vão: porêm os Frades
 Vestem ao mesmo tempo muitas côres,
 Branco com preto, azul com encarnado:
 Se tu, oh gran Fidalgo de la Mancha
 Famoso Dom Quichote, esta aventura
 Nos teus andantes dias encontrasses,
 A sem-par Dulcinéa, quantos d'estes
 A render vassalagem mandarias!
 Tu que não perdoaste aos pobres Padres
 Conduzindo a cavallo, por ser longe,
 Entre archotes, e vélas hu defunto,

(55)

Que os fizestes voar de susto e medo
 Pelos campos e montes, que farias
 A esta encamisada de Doutores?
 Por gente feiticeira, e endiabrada,
 Por maos encantadores os terias:
 Como taes o furor do Rossinante,
 Do emo de Mambrino as influencias,
 E o pesado lanção exp'rimentarão.
 Musa, renova no teu vate o fogo
 Que já fizeste arder na sabia mente,
 Não digo de Despréaux, daquelle activo
 E discreto Diniz na Hyssopaida;
 Renova, em quanto acabo, que a perguiça
 Da molle Estupidez já me accomette;
 Já começo a sentir os seus effeitos.
 Mas ah! que hum estro de repente agita

A minha phantasia. Eu vejo, eu vejo,
 Da nossa Academia ao grande pateo
 Chegar contente a numerosa tropa;
 Em triumpho he levada a Deosa Augusta,

(46)

A hum soberbo, e majestoso throno:
 Gemem debaixo delle afferolhados
 A Sciencia, a Razão, o Desabuso.
 Põem-se em socego os assistentes todos;
 Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
 A' Deosa pede huma comprida venia:
 Em barbaro latim começa ufano
 A tecer friamente hum elogio
 A' sua Proctetora; e nelle mostra,
 O quanto he indecente, que nas Aulas
 Em Portuguez se falle, profanando
 A sacra Theologia e as masi sciencias:
 Que em forma syllogistica se devem
 Os argumentos pôr: sem syllogismo,
 Não sabe como possa haver verdade.
 Nisso mais d' hora gasta, e em fim conclue
 Animando a que sejam sempre firmes
 Na fé, que devem a tão alta Deosa.
 Levanta-se depois o gran Pedrozo
 Que de Prima a Cadeira e Leis occupa.

(57)

Com a Béca estendida, a mão no peito

Prostra-se em terra, a sua venia pede
 A' molle Estupidez, que muito folga
 De ver hum filho seu com tal presença
 Tão cheio de si mesmo, tão inchado
 Principia a fallar com voz de estallo,
 Com a esquerda acciona, e co'a direita,
 Que estende as mais das vezes sobre o peito
 Súa em mostrar a van Genealogia
 Da nobre Deosa, a quem louvar pertende.
 A sua antinguidade patentêa,
 Faz depois elogios nunca ouvidos
 Ao Direito Romano, e no remate
 Concorda com tudo com o seu Collega
 Vem depois o Reitor, jura por todos
 Submissa obediencia, e lealdade.
 Da mollle Estupidez põe na cabeça
 Huma importante c'roa cravejada
 De finissimas pedras do Oriente.
 As mãos lhe beija logo reverente,

(58)

E manda a todos, que outro tanto fação.
 Os oradores vem: off'rece hum d'elles
 A discreta oração de sapientia,
 Que foi causa de ser tão cedo Lente.
 O outro o mesmo fez a sua Analyse.
 Do parto septimestre, cousa prima.
 Hum bando de rhetoricos rançosos
 Depois acode; hum deles assim falla
 (Parece, que Bezerra se appellida):

“Soberana senhora, a vossas plantas
 “Tendes rendida por vontade, e gosto,
 “A porção principal do vosso Reino.
 “As portas das sciencias nós guardamos:
 “Porque sendo as palavras distinctivo
 “Que dos Brutos separa a especie humana,
 “Eu creio que só nellas deve o homem
 “Da vida despende os curtos dias.
 “A mocidade pois assim levamos
 “Nesta bella sciencia industriada.
 “Quando a mesma palavra se repete

(59)

“Ou duas, ou tres vezes, lhe ensinamos
 “O nome, que isto tem: quantas apostrophes
 “Pode o exordio levar, sem ser notado.
 “Nestas cousas, e n’outras semelhantes
 “De sorte os engolfamos; que suppresso [sic]
 “Fica o gosto, se o tem, ás vans sciencias,
 “Que servem de cansar o esp’rito humano
 — “Oh bom filho, insisti neste systema,
 “Que por ser verdadeiro mais me agrada.”
 Abraçando-o lhe diz a Divindade.
 Vem atraz hum varão muito asseado,
 Hum livro traz na mão mui douradinho:
 “Oh Deosa singular, a quem respeito,
 “Esquecido da minha Fidalguia,
 “Este Poema fiz, que Joanneida
 “Por nome tem; humilde vo-lo off’reço,
 “Dignai-vos aceitar a minha offerta.”

— “Oh meu Morgado, quanto sou contente
 “Da tua offerta, vê-lo-has com o tempo;
 “Aqui ao pé de mim quero te assentes.

(60)

“Para mostrar o quanto te venero”
 Assenta-o junto de si a Divindade.
 Dos Estudantes vem a turba immensa;
 Hum lhe offerece huma flor, outro hum bichinho
 Hum ninho de pardal, hum gafanhoto,
 Da Historia Natural suados fructos.
 Outro vem todo afflicto mil queixumes
 Formando contra hum tal, que lhe usurpára
 A gloria de ver já sete machinas,
 Que subirão ao ar com bom successo.
 “Filhos amados, lhes replica a Deosa,
 “Esse vosso cuidado me consola;
 “Esse desvelo de ajuntar cousinhas
 “Tão lindas, tão bonitas, bem recrêa
 “Huma alma com a vossa tão sensível.
 “Prossegui nesse estudo, eu vos prometto
 “A minha protecção em toda a vida.”
 Ao queixoso assim diz: “Sinto deveras
 “Que tenhas essa causa de tristeza;
 “Mas olha um bom remedio: outras de novo

(61)

“Faze, que lá irei mesmo em pessoa
 “Assistir a fazer justiça inteira.”

Os Doutores vem logo por seu turno
 Vassalagem render, e vão passando.
 A molle Estupidez brinca entretanto
 Com os lindos anneis do bom Morgado,
 Que afflicto não quizera ter tal honra,
 Receando, que alli se descobrisse,
 Que cabelo não he, mas que lhe cobre
 A luzidia calva, cabelleira:
 Por que em menos não préza o ser bonito,
 Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.
 Seguem-se finalmente os Lentes todos,
 Que são alegremente recebidos.
 Mas chegando o Trigozo, fica a Deosa
 Assombrada de ver tal catadura
 Não menos carregada de que a de hum touro,
 Que sopra, e para traz a terra lança
 Quando para investir se ensaia irado
 Com immensa alegria rematada

(62)

A geral confissão de vassalagem:

“Em pas gozais (a Deosa assim profere,)

“Da minha protecção, do meu amparo.

“Eu gostosa vos lanço a minha benção;

“Continuai, como sois, a ser bons filhos,

“Que a mesma, que hoje sou, hei de ser sempre.”

mostravas.